



REVISTA OFICIAL DO COMITÉ PARALÍMPICO DE PORTUGAL

PARALÍMPICOS

EDIÇÃO 11 / MAR A MAI 2022

TRIMESTRAL - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

JOANA SANTOS

“O DESPORTO É QUERER SEMPRE MAIS”

O início no ballet, o cinturão negro no judo aos 15 anos, os títulos de campeã surdolímpica e mundial e a ambição de vencer nos Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021 numa grande entrevista à maior figura do judo surdolímpico nacional.

OPINIÃO >

Paula Ioris, Comité Organizador
Caxias do Sul 2021

RUMO AOS SURDOLÍMPICOS >

Apresentação de Caxias do Sul 2021

EM FOCO >

Portugal nos Jogos Surdolímpicos

CAMPANHA >

Paralímpicos em SuperAção





Mensagem do Presidente

Os Jogos Surdolímpicos

Decorria o ano de 1924 quando se realizou em Paris a primeira competição desportiva internacional para atletas com deficiência. Eugène Rubens-Alcains, surdo que presidia à Federação Francesa de Desporto para Surdos, foi o organizador e principal promotor da primeira edição dos Jogos Internacionais Silenciosos Paris 1924, tornando-se assim uma figura central dos primórdios do movimento surdolímpico, um pouco à semelhança do papel desempenhado por Ludwig Guttman na edificação dos primeiros passos do fenómeno paralímpico.

A perseverança de Eugène Rubens-Alcains resultou numa competição com números consideráveis à época: a prova reuniu 148 atletas de nove nacionalidades distribuídos por sete modalidades, para além da ginástica que foi desporto de demonstração. O sucesso do evento foi reconhecido pela comunidade internacional e estava assim lançada a primeira pedra da história do desporto para surdos, através daquela que é a segunda competição multidesportiva mais antiga do planeta, apenas superada pelos Jogos Olímpicos.

Os Jogos Internacionais Silenciosos sempre se realizaram de quatro em quatro anos – apenas sofreram uma interrupção momentânea no período da II Guerra Mundial – e foram-se adaptando aos novos tempos nos mais diversos níveis, incluindo no que toca à designação. No ano de 2001 adotaram a designação atual de Jogos Surdolímpicos e na edição de Samsun 2017 bateram todos os recordes com o maior número de atletas (3145), maior número de modalidades (18) e maior número de países participantes (97). Transposto quase um século até ao presente ano de 2022, a 24.^a edição das Surdolimpiadas de Verão, os Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021, vem-nos recordar o quadro competitivo de excelência que estes atletas compõem e que se constitui numa elite desportiva da qual Portugal faz parte desde 1993.

Nesta longa caminhada para Caxias do Sul, prolongada por força do adiamento da competição de dezembro de 2021 para maio de 2022, é de sublinhar que tudo fizemos para, através do programa de preparação surdolímpica, proporcionar o melhor contexto de ação possível a todos os agentes desportivos envolvidos. A progressiva melhoria das condições colocadas à disposição das federações, treinadores e atletas ao longo do ciclo que agora termina deve também ser assinalada, com a devida palavra de reconhecimento e agradecimento aos decisores políticos e à Administração Pública, nomeadamente IPDJ e INR, pela colaboração, compreensão e contributos fundamentais nesta matéria.

As dificuldades que a pandemia colocou ao desporto foram muito além das inerentes à preparação para os Jogos Surdolímpicos, afetou toda a sociedade e o desporto não foi exceção. No caso da preparação dos atletas da dimensão surdolímpica, todas as competições internacionais foram canceladas, facto que obrigou a um maior esforço das federações no sentido de encontrar respostas competitivas a nível nacional. Estou certo que, ultrapassadas estas dificuldades e refletindo o esforço e resiliência que todas as instituições e agentes desportivos empenharam neste projeto, os atletas surdolímpicos irão, uma vez mais, prestigiar a bandeira nacional além-fronteiras, numa verdadeira demonstração da excelência desportiva que constitui atualmente o desporto de alto rendimento para pessoas com deficiência em Portugal.

José Manuel Lourenço

ÍNDICE

09

PARALÍMPICOS NAS REDES SOCIAIS

Principais publicações
dos nossos atletas

EM FOCO

Portugal nos Surdolímpicos

10 14

OPINIÃO

Paula Ioris
As Surdolimpíadas
de Caxias do Sul

MENSAGEM DO PRESIDENTE

03 06

FLASH

Notícias em destaque
neste trimestre

RUMO AOS SURDOLÍMPICOS

Os Jogos Surdolímpicos
de Caxias do Sul 2021

GRANDE ENTREVISTA

Joana Santos
"O desporto é querer sempre
mais"

12 16

28

AGENDA

30

DESPORTO À LUPA

Paralímpicos
e Surdolímpicos:
As diferenças

22

TALENTOS

Bernardo Vieira
Pedalar até Paris 2024

24

CAMPANHA SUPERAÇÃO

Paralímpicos em SuperAção

32

AGENDA

A emoção está de regresso!

34

A FECHAR

Luís Costa
Os Desafios do FuturoPARALÍMPICOS
PORTUGAL

Estatuto Editorial A Parálímpicos é a revista oficial do Comité Paralímpico de Portugal, com carácter trimestral e editada com pleno respeito pelos princípios da liberdade de expressão e de informação presentes na Constituição da República Portuguesa. A Parálímpicos é apresentada nos formatos de papel e/ou online nos canais de comunicação do Comité Paralímpico de Portugal e pauta-se pela total independência política e religiosa e por critérios jornalísticos de rigor e isenção. A Parálímpicos pretende ainda constituir-se como um portal de divulgação do movimento paralímpico e surdolímpico, contemplando todas as modalidades e valorizando os valores fundamentais do Comité Paralímpico de Portugal: Igualdade, Inclusão e Excelência Desportiva.

Diretor **José Manuel Lourenço** Diretor Adjunto **Sandro D. Araújo** Redação **Diogo Taborda** Fotografia **David Barros** Marketing e Publicidade **Catarina Grachat** Arte e Design Gráfico **Bunker Agency** Propriedade **Comité Paralímpico de Portugal** NIPC do Proprietário **507 805 259** Sede do Editor e da Redação **Rua do Sacramento, 4, R/C - 2670-372 Loures** Impressão **Onda Grafe** Morada do Impressor **Rua da Serra, n.º1 - 2660-202 St.º Antão do Tojal** Tiragem **1000 exemplares** Periodicidade **Trimestral** Depósito Legal **445904/18** Registo **ERC 127209**

Distribuição Gratuita - Venda Proibida

Todos os textos desta edição foram escritos segundo o novo Acordo Ortográfico. 2019 © Interditada a reprodução de textos e imagens por quaisquer meios.

FLASH



Miguel Monteiro e Norberto Mourão com grau de Comendador da Ordem do Mérito

O Presidente da República recebeu no dia 11 de janeiro no Palácio de Belém os atletas olímpicos e paralímpicos medalhados nos Jogos de Tóquio 2020. Norberto Mourão (canoagem) e Miguel Monteiro (atletismo) foram os portugueses medalhados na última edição dos Jogos Paralímpicos e ambos receberam a distinção de

Comendador da Ordem do Mérito.

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, deixou uma palavra de agradecimento aos atletas medalhados "em nome de todas as portuguesas e portugueses pelos momentos de felicidade que nos deram em 2021". Miguel Monteiro reconheceu a "honra" da condecoração

que "é mais um acrescento para continuarmos a trabalhar mais e melhor para obtermos cada vez melhores marcas". Já Norberto Mourão destacou o "orgulho enorme" de uma distinção que "é o reconhecimento dos excelentes resultados que conseguimos alcançar".

Obra plástica sobre Tóquio 2020 apresentada no Museu do Oriente

A obra de arte pública "Tóquio 2020. Desporto, Arte e Cultura: A Viagem Performativa" e o respetivo livro foram apresentados a 20 de janeiro no Museu do Oriente, em Lisboa. O evento teve a presença do artista plástico Mário Vítória, do Presidente da Federação Portuguesa de

Natação, António José Silva, do Presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, e do Vice-Presidente do Comité Paralímpico de Portugal, Luís Figueiredo, representantes das três entidades promotoras da iniciativa. A obra de Mário Vítória retrata, segundo o próprio

autor, "a celebração do espírito Olímpico, especialmente o da natação" e "essencialmente o êxtase dos Jogos e a amizade ancestral que existe entre a cultura japonesa e a cultura portuguesa". Esteve em exposição no Museu do Oriente até ao dia 7 de fevereiro.

Eleições para os Órgãos Sociais do CPP

As eleições para os Órgãos Sociais do Comité Paralímpico de Portugal realizam-se no dia 16 de março de 2022 a partir das 18h00 em Lisboa.

Aprovado regime de antecipação da idade de pensão de velhice por deficiência

Foi publicado no dia 7 de janeiro em Diário da República o novo regime de antecipação da idade de pensão de velhice por deficiência. A Lei n.º 5/2022 determina que o novo regime abrange pessoas que reúnam, cumulativamente, as seguintes condições gerais de elegibilidade: idade igual ou superior a 60 anos; deficiência a que esteja associado um grau de incapacidade igual ou superior a 80%; pelo menos 15 anos de carreira contributiva constituída com a situação de deficiência e grau de incapacidade igual ou superior a 80 %.





FLASH

Mais oportunidades para o desporto paralímpico no legado de Tóquio 2020

Mundiais de Atletismo de 2022 adiados

O Comité Paralímpico Internacional anunciou que o Campeonato do Mundo de Atletismo previsto para 2022 na cidade de Kobe, no Japão, será adiado. O Comité Organizador da competição no Japão solicitou o adiamento devido às restrições provocados pela pandemia Covid-19 em território nipónico, pedido que foi aceite pelo Comité Paralímpico Internacional. No comunicado da entidade máxima do desporto paralímpico mundial pode ler-se que “as partes estão agora a trabalhar em estreita colaboração para avaliar a viabilidade de adiar a competição para 2024 com o objetivo de manter a competição dentro do ciclo de Paris 2024”.

O Governo Metropolitano de Tóquio definiu o aumento de atratividade para eventos desportivos internacionais, o incremento de oportunidades desportivas para os residentes locais e a promoção e disseminação do desporto para pessoas com deficiência como principais dimensões do

legado dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Tóquio 2020 realizados no verão passado. O projeto Tokyo Sports Legacy Vision identificou estas áreas como os maiores benefícios de futuro da competição decorrida na capital nipónica e divulgou ainda que os níveis de participação desportiva

dos residentes em Tóquio cresceu de 39,2% para 68,9% em 2021. De recordar que Portugal participou nos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 tendo obtido duas medalhas de bronze por Miguel Monteiro (Atletismo) e Norberto Mourão (Canoagem) e um total de 23 diplomas paralímpicos.



Presidente do CPP visita FC Porto

O Presidente do Comité Paralímpico de Portugal, José Manuel Lourenço, realizou a 19 de janeiro uma visita à secção de desporto adaptado do Futebol Clube do Porto. A visita contemplou um encontro com o Presidente do FC Porto, Pinto da Costa, uma reunião técnica com responsáveis do clube, observação de treinos e ainda a presença na homenagem do clube ao

atleta paralímpico de boccia Pedro Clara.

Em entrevista ao Comité Paralímpico de Portugal, o Presidente do Futebol Clube do Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa, garantiu que enquanto estiver no cargo “esta secção continuará sempre a ter a máxima atenção” e acrescentou que “mais do que um dever é uma honra poder prestar um serviço tão bonito como este”.



FLASH

Estudo da Nielsen aponta imagem respeitável e credível dos Paralímpicos

O estudo encomendado pelo Comité Paralímpico de Portugal à Nielsen sobre o impacto dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 na perceção pública portuguesa sobre o fenómeno paralímpico revelou que para 80% dos inquiridos os paralímpicos representam o verdadeiro espírito do desporto. No que concerne aos Jogos Paralímpicos, as respostas ao nível da imagem

classificaram-na como respeitável (83%), credível (81%) e impressionante (80%), com índices superiores aos apresentados no estudo anterior realizado em 2017. O estudo revelou ainda que 67% dos inquiridos interessam-se pelo desporto em geral e 38% interessam-se pelo desporto para pessoas com deficiência. Em relação aos Jogos Paralímpicos em particular, 81% conhece o

evento, 35% tem interesse e 21% tem por hábito seguir a competição. Da população que tem interesse 41% situa-se na faixa etária dos 30 aos 49 anos, sendo que 80% dos que afirmaram seguir os Jogos Paralímpicos afirmaram fazê-lo pela admiração que têm pela forma como os atletas ultrapassam as barreiras. No que se refere às expressões ou palavras de associação

espontânea aos Paralímpicos, a maior percentagem (32%) indicou a "superação de barreiras", seguido de "esforço" (13%) e "força de vontade" (12%).



Bolsas de Educação 2021/2022 com número recorde de bolseiros

As Bolsas de Educação Jogos Santa Casa surgem em 2021/2022 com uma nova identidade e imagem gráfica. O "IMPULSO", nova designação atribuída ao programa, tem por objetivo estar mais próximo da sociedade e dar a conhecer o enorme esforço realizado pelos campeões portugueses, impulsionando os atletas olímpicos, paralímpicos e surdolímpicos na sua educação e carreira desportiva.

As Bolsas de Educação Jogos Santa Casa é um promovido em parceria com o Comité Olímpico de Portugal e o Comité Paralímpico de Portugal que se traduz num incentivo claro à aposta nas carreiras duais por parte dos atletas de alto rendimento através da atribuição de um apoio financeiro aos candidatos selecionados

que possa ser um contributo para as despesas inerentes à atividade académica que desenvolvem a par, naturalmente, do percurso desportivo. Esta é a nova edição das Bolsas de Educação Jogos Santa Casa – a oitava com a participação do Comité Paralímpico de Portugal – sendo já possível contabilizar a atribuição de 77 bolsas a atletas integrados nos Projetos de Preparação Paralímpica, de Esperanças e Talentos Paralímpicos e de Preparação Surdolímpica. O renovado IMPULSO | Bolsas de Educação Jogos Santa Casa atribui em 2021/2022 um total de 14 bolsas a atletas das dimensões paralímpica e surdolímpica, um número recorde de bolseiros desde o início do programa. Miguel Monteiro, Francisco Laranjeira, Ana Filipe, Diogo Daniel

(Badminton), Telmo Pinão (Ciclismo), Fábio Oliveira, Tomás Delfim, João Macedo e João Sousa (Goalball), Susana Veiga, Diogo Cancela, Miguel Cruz e Tiago Neves (Natação) e Filipe Marques (Triatlo) foram os atletas selecionados.

Em termos globais as Bolsas de Educação Jogos Santa Casa já atribuíram 325 bolsas correspondentes a mais de 920.000€ distribuídos por 181 atletas de 22 modalidades.



IRS 2022 | Apoia o Movimento Paralímpico

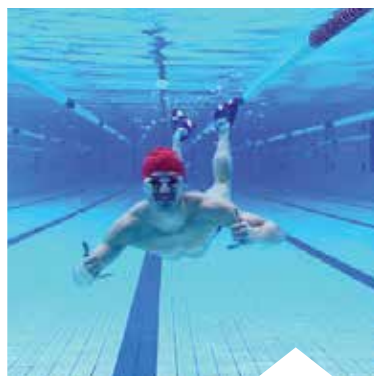
Apoiar o movimento paralímpico é fácil e não tem custos. Contribuir para o desenvolvimento do desporto para pessoas com deficiência é possível através da consignação de 0,5% do IRS ao Comité Paralímpico de Portugal. O processo é simples, bastando no ato de preenchimento da declaração de IRS selecionar a opção "Instituições Particulares de Solidariedade Social ou Pessoas Coletivas de Utilidade Pública" no campo 1101, quadro 11, e introduzir o NIF 507 805 259. Toda a informação sobre a atividade desenvolvida pelo Comité Paralímpico de Portugal aos níveis do desenvolvimento desportivo e do alto rendimento pode ser consultado na íntegra no site oficial da instituição www.paralimpicos.pt.

PARALÍMPICOS NAS REDES SOCIAIS

*Campeão Nacional
de Luta Greco-Romana
#voamosjuntos*

Hugo Passos

[instagram.com/hpcampeaopor](https://www.instagram.com/hpcampeaopor)



*Primeira corrida
de 2022. Corrida
dos Reis. 4.º lugar M35,
24.º da geral.
Em preparação para
o meu grande objetivo!*

Ricardo Gomes

[instagram.com/ricardinhogomes](https://www.instagram.com/ricardinhogomes)



*Mais um estágio feito!
Foi uma experiência
inacreditável!*

Tiago Neves

[instagram.com/tiagocn97](https://www.instagram.com/tiagocn97)



*Muito orgulhosa por
integrar esta campanha
dos @paralimpicos e ser
representante do Boccia
a nível nacional!*

Carla Oliveira

[instagram.com/carlasoliveira_](https://www.instagram.com/carlasoliveira_)



*Quem anda sozinho pode até
chegar... Mas aquele que vai
acompanhado, chega mais
longe.*

Alex Santos

[instagram.com/lifewoo/](https://www.instagram.com/lifewoo/)



*É sempre bom
a partilha
de experiências
e conhecimento,
principalmente junto
dos mais novos,
junto do ciclismo
do Amanhã. Obrigado
@tomas_mineiro1
pela companhia.*

Telmo Pinão

[instagram.com/telmopiniao](https://www.instagram.com/telmopiniao)



 [paralimpicos.pt](https://www.paralimpicos.pt)

 [paralimpicos.pt](https://www.facebook.com/paralimpicos.pt)

 [paralimpicos](https://www.instagram.com/paralimpicos)

 [paralimpicosPT](https://twitter.com/paralimpicosPT)

 [paralimpicos](https://www.youtube.com/paralimpicos)

OPINIÃO

Paula Ioris, Presidente
de Honra do Comitê
Organizador de Caxias do Sul 2021

AS SURDOLIMPÍADAS DE CAXIAS DO SUL

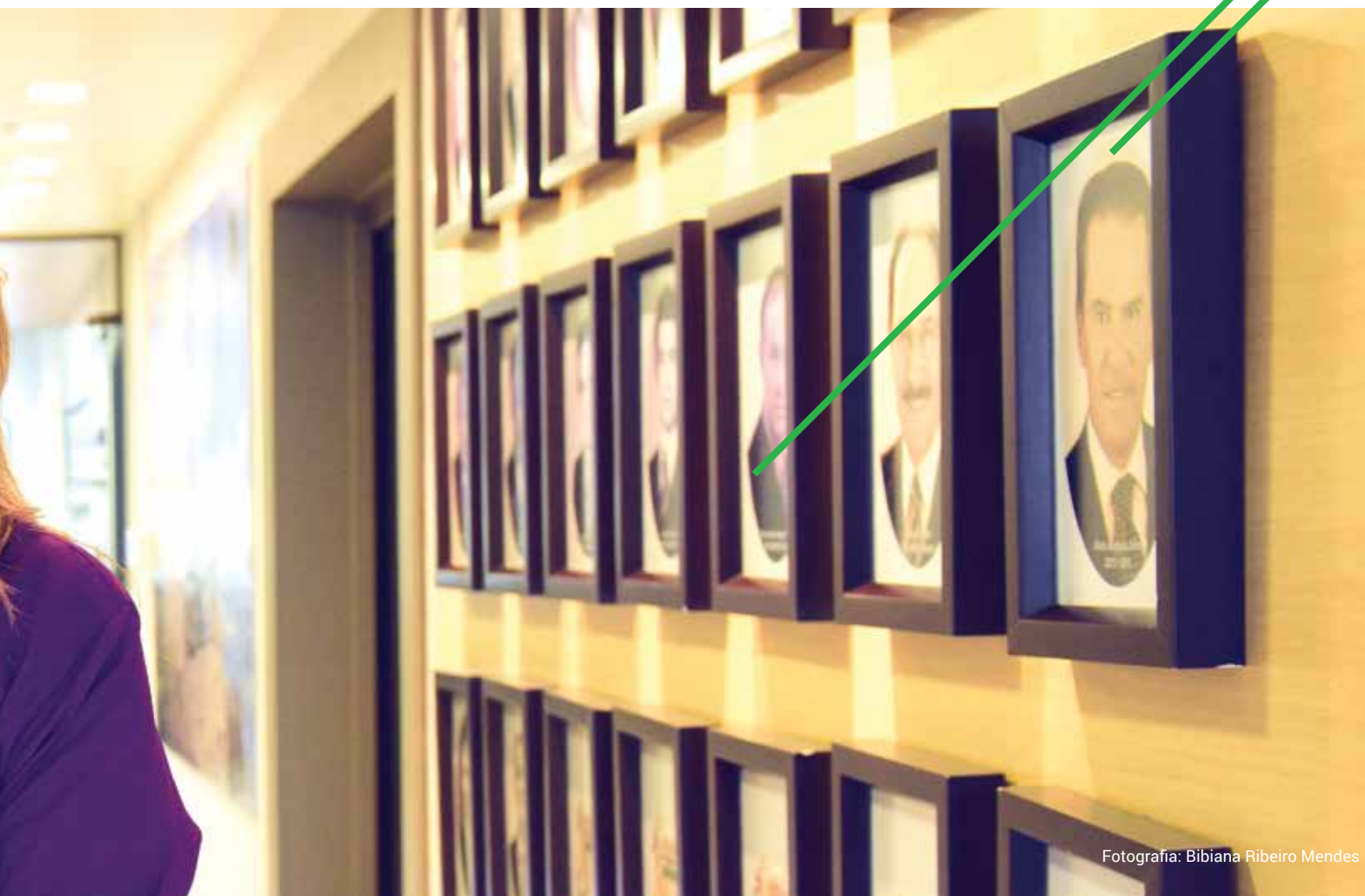
Me chamo Paula Ioris, sou presidente de honra do Comitê das Surdolimpíadas e vice-prefeita da nossa cidade de Caxias do Sul. Desde o princípio, fiquei muito honrada em receber o convite para ser presidente de honra. Primeiramente pela surpresa, me senti muito valorizada pela importância do evento. Depois pela oportunidade de participar da construção de algo tão grandioso como são as Surdolimpíadas.

O papel da presidente de honra é ajudar na construção de pontes, estabelecendo relacionamentos com pessoas que possam colaborar com o evento. A exemplo de vínculos e contatos com o governo do estado com pessoas da sociedade, enfim, colaborar com os diversos grupos de trabalho, mas num aspecto de relacionamento, mais do que operacional.

Para falar sobre o que a Surdolimpíadas tem representado para a nossa cidade, entendo ser importante falar um pouco sobre Caxias do Sul, para que as pessoas de Portugal conheçam o nosso país. O Brasil possui 5.570 municípios e nós somos o 47º em termos de tamanho, com uma população acima de

500 mil habitantes. Dentro do Brasil, o nosso estado fica bem ao Sul do país, e a nossa cidade fica na região nordeste do estado. Somos a segunda maior cidade do estado, temos a capital Porto Alegre e Caxias do Sul é a maior cidade da Serra Gaúcha. Somos o segundo polo metal mecânico do estado e com grande reconhecimento no Brasil.

Nossa região é colonizada principalmente por italianos e alemães, temos uma cidade com cultura predominantemente italiana, mas na nossa cidade somos bastante plurais e também temos diversas outras culturas que aqui se instalaram. Pela característica de ser uma cidade muito empreendedora estivemos sempre em diferentes ramos, com boas oportunidades de emprego. Isso fez com que muitas pessoas, primeiro aqui da nossa região depois de outros lugares do estado, do país, e depois de outros países passaram a nos procurar. É um movimento migratório muito grande, interno e de outros países, mais recentemente do Haiti, Senegal e Venezuela.



Fotografia: Bibiana Ribeiro Mendes

Quero dizer que a cidade está se preparando com muita motivação pra receber esse grande evento. A Prefeitura se envolve bastante na preparação da festa com a sua estrutura, a estrutura de segurança, de trânsito, transporte e mobilidade, da nossa Secretaria de Esporte e Lazer que vai ter um movimento bem significativo. Somos a primeira cidade da América Latina a receber uma Surdolimpíada, então temos consciência da nossa responsabilidade de tudo isso e também das oportunidades, que são muito positivas. Sabemos que os olhos do mundo estarão voltados para a nossa cidade, à medida que temos notícia que mais de 90 países confirmaram a participação. Esta é uma questão muito importante pra nossa cidade se tornar conhecida, sendo um ponto turístico muito importante aqui na Serra Gaúcha. As Surdolimpíadas serão mais um fator para tornar a cidade conhecida.

Uma outra oportunidade que vemos com excelentes olhos é em relação ao segmento do esporte especificamente. Ele traz sempre um aprendizado em todas as formas para a pessoa ser participativa, colaborativa, quando falamos em trabalho de equipe, em times. O esporte tem um cenário de confecções positivas e, para competirmos, as pessoas são desafiadas a se prepararem, a treinarem, a serem persistentes, características que são edificantes. Temos muitos exemplos no mundo da importância do investimento em esporte como política estruturante e social que de fato faz a diferença para as pessoas. Tudo que o esporte traz é positivo. Então, além de destacar o que o evento agrega o turismo, destaco o que agrega ao esporte.

Acrescentamos a isso o legado de uma Surdolimpíada. Demonstrar ao mundo uma comunidade de surdos que realiza sua 24ª edição do evento. Tenho certeza que cada lugar onde foi realizada, deixou esse legado e aqui será mais um deles. Às pessoas que não são surdas, há o aprendizado de acolher, se integrar a essa comunidade, aprender a se comunicar, aprender a praticar a verdadeira inclusão. É um legado que estamos trabalhando junto com a Secretaria de Educação, pra preparar as nossas crianças junto as casas que recebem comércio e as diversas áreas que vão receber as pessoas pra poderem conviver com a comunidade surda. Estamos preparando tudo com muito carinho, muita dedicação e orgulhosos de que esse grande evento esteja acontecendo na nossa cidade.

É bonito ver o trabalho de todo o Comitê, e a construção de cada etapa na busca dos espaços de onde serão as modalidades, o cuidado no envolvimento da região, a divulgação de cada etapa, a busca de parceiros que vão trabalhar nas diversas áreas, sendo da comunicação, sendo do próprio esporte em cada modalidade, sendo no aspecto de patrocinadores, a construção da Vila Olímpica, os projetos. É algo de muita grandeza, e que a cada etapa que vivenciamos, ficamos mais impressionados com o tamanho de toda essa organização. Vimos que as pessoas que estão à frente, coordenando tudo isso, tem uma grande responsabilidade e estão fazendo com muito amor e dedicação por ser um evento, de fato, muito grandioso.



RUMO AOS SURDOLÍMPICOS

OS JOGOS SURDOLÍMPICOS CAXIAS DO SUL 2021

A 24.^a edição dos Jogos Surdolímpicos realiza-se de 1 a 15 de maio de 2022 na cidade de Caxias do Sul, no Brasil. É a primeira vez que a competição exclusiva para atletas com deficiência auditiva decorre num país da América Latina e logo com números que deixam água na boca a todos os amantes do desporto de alto rendimento: cerca de 4500 atletas de mais de 100 países distribuídos por 21 modalidades com participação portuguesa confirmada, claro está.

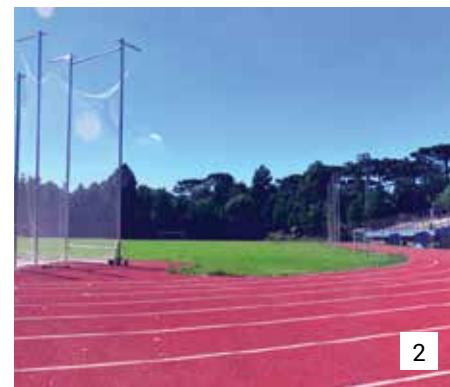
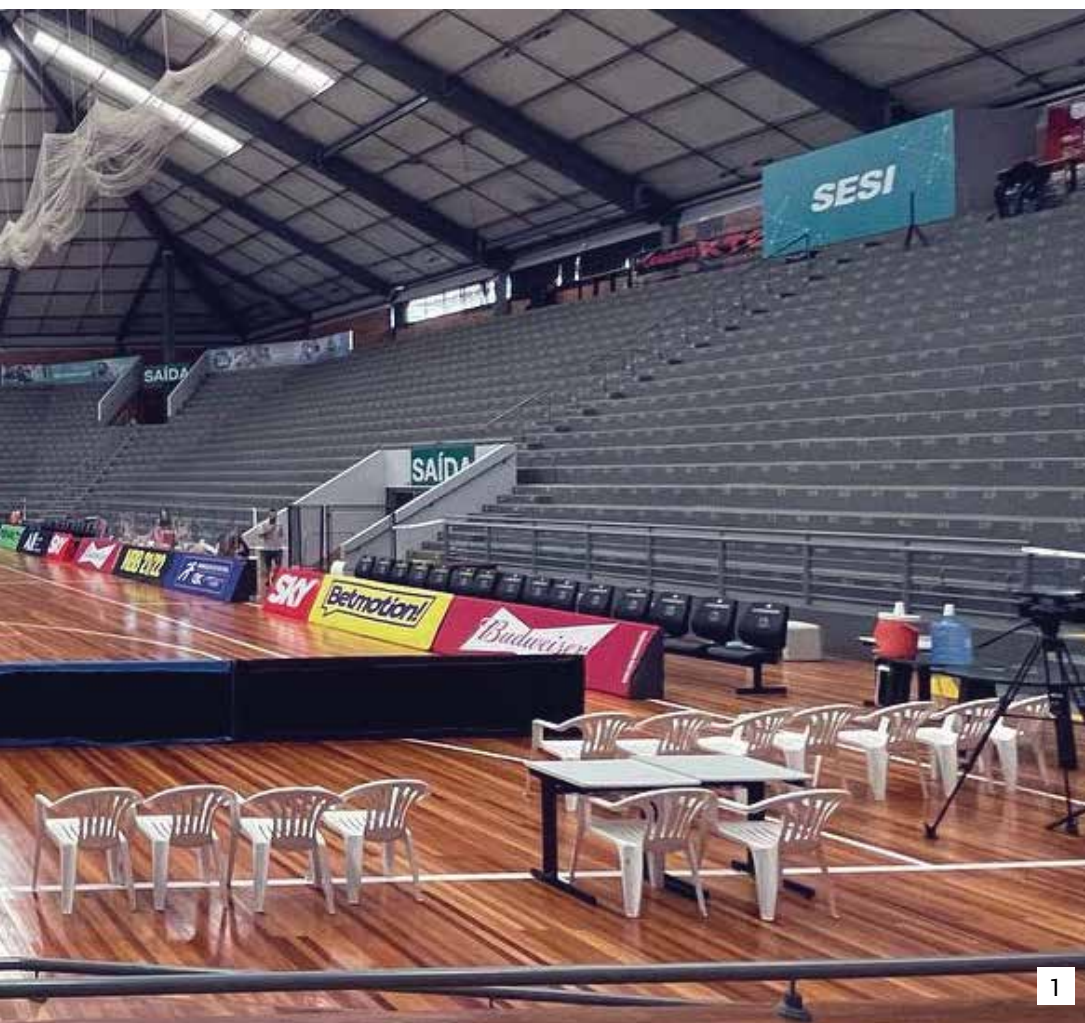
As provas dos Jogos Paralímpicos Caxias do Sul 2021 vão-se distribuir por 19 arenas de competição situadas, na sua maioria, nas instalações da Universidade de Caxias do Sul e do Parque Desportivo Jacintho Maria de Godoy, propriedade da SESI – Serviço Social da Indústria de Caxias do Sul. É nesta última localização que se situa a pista de atletismo que será

palco das cerimónias de abertura e de encerramento e de trocar de campo e pista da modalidade.

Toda a emoção competitiva será concentrada em Caxias do Sul, município que se insere no estado de Rio Grande do Sul situado na zona sul do Brasil. É uma cidade interior sem zona costeira com cerca de 735.000 habitantes na sua área metropolitana. Situa-se a 120 km, sensivelmente a duas horas de carro, na cidade referência de Porto Alegre, onde existe um aeroporto internacional.

O logotipo de Caxias do Sul

O logotipo dos Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021 foi criado pela Universidade de Caxias do Sul e contém cinco elementos fundamentais que fazem a ponte com o local



Fotografia 1 O Ginásio do SESI será palco das cerimônias de abertura e encerramento da competição. **Fotografia 2** A Pista de Atletismo SESI vai acolher as competições de atletismo. **Imagem 3** Nino, a mascote dos Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021. **Imagem 4** O logotipo oficial dos Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021.

onde se realiza a competição e aos princípios do desporto para pessoas com deficiência auditiva. A principal referência visual do logotipo é o cacho de uvas, justificado pelo facto de Caxias do Sul integrar uma região com tradição vinícola com a mais volumosa produção de uva e vinho do país. As cores de vermelho, azul, amarelo e verde integram face direita deste elemento visual para estabelecerem a conexão com os tons que incorporam o logotipo do ICSD, Comité Internacional de Desportos para Surdos que é a autoridade máxima nesta dimensão desportiva.

O formato do cacho de uvas pretende também remeter para o chimarrão, bebida tradicional de origem indígena e produzida através da infusão da planta erva-mate que bem representa a hospitalidade daquela região. A folha verde situada no topo da imagem assemelha-se ao formato de uma mão, instrumento utilizado pela comunidade surda para comunicar, e a linha curva e delgada à esquerda ao atleta surdolímpico com toda a energia, força, coragem e determinação que o caracterizam.

Nino, a mascote

A mascote da 24.ª edição dos Jogos Surdolímpicos chama-se Nino. O Nino é um quati de cauda anelada, mamífero de orientação carnívora que vive em áreas florestais das regiões tropicais

e subtropicais da América do Sul e que se caracteriza pela forte capacidade de adaptação ao meio envolvente. O chapéu do Nino representa a cultura agrícola daquela região, normalmente utilizado pelos produtores de uva. O lenço ao pescoço, por sua vez, remete para a cultura gaúcha e possui a cor azul devido à sua representatividade para a comunidade surda.

A história dos Jogos Surdolímpicos

Os Jogos Surdolímpicos são a competição mais antiga do planeta de pessoas com deficiência. Tiveram a sua primeira edição em 1924 na cidade de Paris, em França, ainda com a designação de Jogos Internacionais Silenciosos e a participação de nove nações europeias. O legado desta estreia foi-se constituindo como intocável ao longo dos anos em edições consecutivas sempre de quatro em quatro anos desde então, apenas com interrupção em 1943 e 1947 por força das circunstâncias provocadas pela segunda guerra mundial. Após esta interrupção forçada foram igualmente criados os Jogos Surdolímpicos de Inverno, cuja primeira edição decorreu em 1949 em Seefeld, na Áustria. A competição mantém-se também ativa até aos dias de hoje, contando já com 19 edições realizadas.

**EM FOCO**

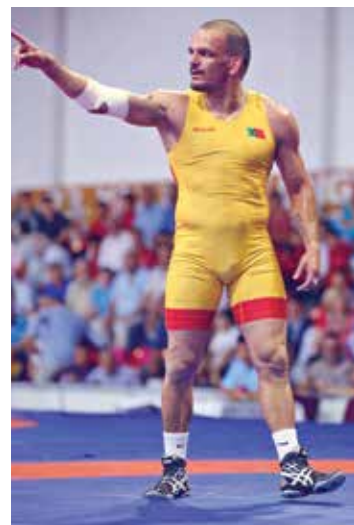
Portugal nos Jogos Surdolímpicos

A primeira participação nacional em Jogos Surdolímpicos remonta a Sófia 1993. A estreia portuguesa na edição decorrida na capital da Bulgária foi positiva e um bom presságio para as conquistas futuras: foram nove atletas nacionais das modalidades de atletismo, natação e ténis e a conquista de duas medalhas de prata! O meio-fundista Hugo Lousada foi o grande destaque nacional com duas subidas ao pódio nos 1.500 e 5.000 metros.

A edição seguinte, Copenhaga 1997, não decorreu com o mesmo brilhantismo para as cores nacionais. As medalhas não apareceram, mas a competição deu a conhecer uma figura que muitas alegrias daria aos portugueses. O então jovem Hugo Passos estreou-se na luta greco-romana na categoria -54kg e terminou a prova em 8.º lugar com a promessa de muito melhores resultados daí para a frente. As

melhores premonições viriam mesmo a confirmar-se em Roma 2001 com Hugo Passos conquistar a primeira medalha de ouro surdolímpica para Portugal em -63kg de luta greco-romana, que orgulho! A competição na capital italiana marcou ainda a estreia portuguesa numa modalidade exclusiva do calendário surdolímpico, o bowling, com a presença de quatro atletas nacionais.

Os Jogos Surdolímpicos seguintes realizaram-se em Melbourne, na Austrália, em 2005 com novo título de campeão surdolímpico para Hugo Passos, mas a melhor participação nacional de sempre em surdolimpiadas (até ao momento!) estava reservada para Taipé 2009. Já sob a coordenação do recém-fundado Comité Paralímpico de Portugal, nasceu uma nova estrela surdolímpica Joana Santos que, logo na sua estreia na competição, conquistou o lugar mais alto do pódio na



categoria de peso -63kg. Protagonista da edição concretizada na capital de Taiwan foi novamente Hugo Passos, lutador que foi a todas nesta prova e arrecadou novo ouro na luta greco-romana e ainda o bronze na luta livre. As quatro medalhas portuguesas em Taipé 2009 ficaram completas com o bronze de Hélder Gomes em -80kg de taekwondo.

Os três medalhados em Taipé 2009 repetiram a proeza na nova edição de Jogos Surdolímpicos de Sófia, desta feita no ano de 2013. Hugo Passos conquistou novo ouro na luta greco-romana, Joana Santos a prata no judo e Hélder Gomes o bronze no taekwondo na edição com presença nacional em oito modalidades. Depois veio Samsun 2017, na Turquia, com destaque para os suspeitos do costume. As medalhas de prata de Hugo Passos e de bronze de Joana Santos alargaram para 13 o número total de subidas ao pódio de Portugal até ao momento em Jogos Surdolímpicos. Foram já sete as participações nacionais na maior competição de desporto para pessoas com deficiência auditiva com 76 atletas em competição em 11 modalidades distintas. E a história prossegue em Caxias do Sul em 2022.

Fotografia 1 Tiago Neves, natção, Sófia 2013 **Fotografia 2** Hélder Gomes, taekwondo, Sófia 2013.. **Fotografia 3** Hugo Passos, luta greco-romana, Samsun 2017. **Fotografia 4** Joana Santos, Judo, Sófia 2013. **Fotografia 5** Missão Surdolímpica Portuguesa a Taipé 2009

GRANDE ENTREVISTA

“O desporto é querer sempre mais, é ir sempre atrás do ouro”

Joana Santos

Começou no ballet mas foi pelo judo que se apaixonou. A surdez nunca foi obstáculo, aprendeu tudo pelo olhar e aos 15 anos já envergava o cinturão negro. Quatro anos mais tarde sagrava-se campeã surdolímpica e hoje, aos 32, prepara-se para encarar os Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021 como campeã mundial em título. Esta é a história de Joana Santos, a judoca que garante ter ainda muito para dar ao desporto nacional.



O desporto fez desde sempre parte da tua vida. Qual foi a primeira modalidade que praticaste?

O meu primeiro desporto foi o ballet, pratiquei dos seis aos oito anos. Mas depois desisti. A minha irmã também praticava ballet, ela deixou e eu acabei também por me afastar da modalidade porque sentia falta de mais qualquer coisa. O ballet não era aquilo que me preenchia, o meu corpo sentia falta de outro tipo de desporto, precisava de movimento. Foi então que descobri o judo, iniciei-me na modalidade e prossegui até agora. O desporto é muito, muito importante na minha vida. Adoro desporto, amo todo o tipo de desporto.

Adoro futebol, adoro correr, adoro judo, sou bastante curiosa por vários tipos de desportos, gosto muito.

Como é que o judo apareceu?

Eu acabei com oito anos o ballet e tinha mais ou menos nove anos quando descobri o judo. Entre as duas perdi algum tempo a procurar um desporto que me cativasse aqui na minha área de residência. Tive contato com outro tipo de desportos de combate como o karaté, até que encontrei o judo. Quando via o judo às vezes na televisão achava que era só uma questão de porrada! Mas quando assisti pela primeira vez a uma aula



de judo pensei: “É isto que eu quero fazer!”. Eu não conhecia a modalidade, não fazia ideia, não sabia o que era, mas percebi logo que era aquilo que queria seguir.

Ainda te lembras do teu primeiro treino?

Eu não tinha muita experiência, lembro-me de ter vestido um fato muito grande! Um colega de treino que na altura já tinha mais experiência é que me explicou como é que se atava o cinturão. Eu era muito tímida, não sabia como é que me poderia vestir. Mas acabei por vestir aquele fato enorme, fomos para o tapete pela primeira vez e foi bastante confuso para mim. Eu não sabia nada, não conhecia técnica alguma. Não sabia comunicar mas com o tempo este interesse foi sempre crescendo, esta motivação de querer mais e mais. Eu nunca faltava! Vinha a todos os treinos e queria sempre aprender mais e fazer melhor. Lembro-me que quando estava no ballet era diferente. No judo tinha o entusiasmo desta parte da competição no treino com homens e com mulheres e as medalhas como horizonte. É o judo que me entusiasma e me apaixonou, foi assim desde o início.

Eras portanto uma menina de nove anos que vinha de um desporto tão delicado como o ballet e de repente estavas num desporto de contacto como o judo. Nas primeiras impressões não ficaste de alguma forma com receio ou intimidada?

Não me senti intimidada, era diferente. Quando desisti do ballet e comecei a praticar desporto de combate, com o toque e às vezes o magoar desta competição, percebi logo que é disto que eu gosto. A minha cabeça sentiu que isto era desporto e isso ajudou-me. Na altura não pensava no meu futuro nem numa carreira enquanto judoca. O judo era imediato, era algo que me dava prazer no imediato.

“Ser surda nunca me impediu de me integrar no judo”

Começaste logo no Judo Clube do Algarve?

Sim, nas instalações do antigo mercado de Faro. Depois foi requalificado, portanto, no tempo que foram feitas as obras mudámos provisoriamente de espaço e quando o novo mercado ficou pronto, há cerca de 15 anos, viemos para aqui.

Quando entraste no judo já foi com o mestre Júlio Marcelino?

Desde o meu primeiro dia até agora, foi sempre o Júlio. Agora nota-se que ele já tem mais idade, mas continua a fazer um esforço para continuar nesta área. Nota-se que é diferente o

Júlio do antigamente deste Júlio de agora, mas estamos cá!

Foi uma pessoa importante para que optasses por seguir carreira no judo?

Sim, o Júlio para mim é como um segundo pai na verdade. Zanga-se comigo, dá-me reforço positivo. Este é o perfil dele. É um perfil muito assertivo. Dá-me educação, na verdade, dá-me a técnica, temos esta empatia, temos esta esta ligação especial que nos une. É isso que também me dá força e me fez crescer enquanto judoca, porque ele mesmo dizia: “Se não queres, vai-te embora, se queres continuar aqui, tens que estar aqui com ânimo”. E foi isto que me fez ficar também. Ele tem atenção também à minha condição, adaptou-se também a mim e fez-me crescer. Para mim é o melhor treinador de Portugal, tem esta sensibilidade para comigo enquanto surda, é o melhor treinador de judo português. Espero que esta ligação dure muito tempo.

Dizias ao início que quando entraste no judo era tudo novo. Como é que foi a comunicação com os teus colegas e também com o teu mestre? Foi um processo difícil?

Nós surdos somos pessoas muito visuais, nós de assistirmos, de olhar, observamos e conseguimos copiar. Fazemos por imitação. Quando o Júlio falava e explicava eu não ouvia nada, claro, como surda não percebia nada do que ele dizia. Era muito pequenina e não conseguia a perceber as técnicas nem o que ele estava a explicar. Mas depois comecei a perceber o básico, observava como é que era pega e as bases e comecei a conseguir acompanhar. As primeiras técnicas eram muito básicas e muito visuais e eu conseguia fazer, mesmo sem ouvir. Observava com atenção toda a parte prática e fui aprendendo. Foi muito imediato para mim. Depois com os meus colegas pensavam: “Ela é surda, e agora?”. Percebiam que não conseguiam falar comigo através da oralidade e começaram a adaptar a comunicação a mim, começaram a entusiasmar-se e foi muito fácil a partir daí. Ser surda nunca me impediu de me integrar na modalidade e começar a evoluir. Sempre tive colegas extraordinários ao longo da minha vida que aceitaram bastante bem a minha limitação.

A partir desse momento foi sempre a evoluir...

Senti que a evolução foi muito rápida. Eu comecei a aprender e comecei a ganhar cinturões, porque lá está, como disse, é um desporto muito visual. Fui conquistando sucessivamente o cinturão seguinte, o Júlio ficava bastante surpreendido com a minha evolução até quando comparada com ouvintes. Sempre trabalhei para estar ao mesmo nível dos ouvintes.



Nunca fui posta de parte nem tratada como coitadinha por ser surda, sempre fui tratada de forma igual neste desporto, sempre lado a lado com parceiros de treino e adversárias, e isso é positivo. Eu sentia isso todos os dias e por isso nunca desisti.

E o cinturão negro, quando chegou?

Subi muito rapidamente nos cinturões e aos 15 anos já estava no castanho, que é o anterior ao negro. Estava toda entusiasmada e o Júlio disse-me: “Vais ter que fazer uma prova, uma kata, para ganhares um novo cinturão”. Neste exame é preciso aprender um conjunto de palavras associadas a técnicas, o que é muito difícil porque eu não ouço e, consequentemente, não tenho memória auditiva. Para mim é tudo visual e naquela altura aprender palavras, como é que eu ia fazer? Eram cerca de 20 a 30 palavras que eu não conhecia, apenas por gestos. Então tive que estudar muito, li e decorei as palavras todas. O Júlio ajudou-me bastante, eu li bastante meses e meses a fio a ler, a estudar e a decorar palavras. Quando estávamos nos treinos, ele perguntava-me como é que se chamava tal técnica, como é que chamava a outra, e foram meses nisto. Fiz o exame, senti-me bastante confiante e passei. Foi um sonho concretizado. Tinha apenas 15 anos quando ganhei o meu primeiro cinturão negro.

“Lembro-me do peso da responsabilidade de ter ganho o ouro”

Foi também por esta altura que surgiu a primeira competição internacional?

Quando tinha 15 anos, mas ainda com o cinturão castanho, participei na minha primeira competição internacional, um Campeonato da Europa de Cadetes, e fiquei em quinto lugar. Fiquei muito entusiasmada só de pensar que ia para fora. Conheço Portugal mas naquela altura só de pensar que ia sair do meu país, conhecer outras pessoas e estar em competição com atletas de diferentes países no mesmo local era incrível. Eu era a única surda e foi um resultado positivo na minha estreia.

Até que pouco tempo mais tarde chegamos a 2009 nos Jogos Surdolímpicos de Taipé, tinhas apenas 19 anos. O que guardas na memória dessa competição?

Lembro-me que o ambiente era muito diferente do português, a cultura na China é muito diferente da nossa. A comida, as pessoas, os carros, a mobilidade, é tudo tão diferente da nossa cultura. Isso, primeiramente, dá logo um entusiasmo diferente, viver algo com esta energia era motivador. Estava a participar



pela primeira vez nuns Jogos Surdolímpicos num cenário muito diferente, em Taipé, muito mais preparado em termos de condições e de infraestruturas, tudo muito rigoroso. E, depois dessa adaptação, ganhei o ouro.

Foi a maior competição em que participaste até àquela data, eras muito nova, sentias uma responsabilidade extra por estares naquele contexto?

Ali a ansiedade é muito maior. Tive que treinar bastante para esta competição porque sabia que Taipé era um momento especial. Treinei sempre com ouvintes para preparar a prova e lá vi-me rodeada de outros atletas surdos. Em Taipé éramos todos surdos, tínhamos todos as mesmas características, ali era uma atmosfera e uma responsabilidade diferente.

Lembras-te do combate da final?

A final foi contra uma atleta russa e ela começou na frente, pontuou primeiro. No decorrer do combate, de repente senti que precisava virar o jogo e ganhei, consegui a vitória. Lembro-me do peso da responsabilidade de ter ganho o ouro, ver aqueles atletas surdos a comunicar em língua gestual, estava rodeada de pessoas, tudo a mexer as mãos à minha volta. Foi assim, um cenário que me fez sentir orgulhosa e confusa com tudo o que estava a acontecer.

O combate termina, há aquela grande euforia e depois há o pódio...

Ver a bandeira portuguesa a ser alçada, a primeira bandeira superior e mais alta que todas as outras, foi uma sensação inexplicável. Foi o fruto de um trabalho de muitos anos. Senti-me muito feliz por ver a minha bandeira e sendo eu muito jovem, tinha 19 anos na altura, foi um orgulho acrescido.

Desde desde Taipé 2009 até Sónia 2013, o que aconteceu de mais relevante em termos de competições?

Em 2012 houve um Campeonato do Mundo na Venezuela com uma grande participação de judocas surdos. Disputei a final com uma atleta ucraniana nova, que apareceu pela primeira vez nesse campeonato, e acabei por ficar em segundo lugar. Um ano mais tarde nos Jogos Surdolímpicos Sónia 2013 voltei a encontrá-la na final. Foi um combate muito equilibrado, estávamos empatadas com um ponto cada uma até que eu cometi uma falta, um erro, e ela acabou por vencer. Fiquei com a medalha de prata. Foram duas derrotas consecutivas em duas finais das competições mais importantes contra a mesma atleta.

Será que ainda vamos a tempo de assistir à desforra?

Não me parece que possa acontecer pelo menos para breve.



Eu entretanto baixei de categoria de peso para os -57kg e ela pelo que sei mantém-se nos -63kg, pelo que o confronto não é possível nesta altura. Até pode parecer que estou a fugir dela, mas não é verdade! [risos] Não há aqui qualquer tipo de medo ou receio, o facto é que a minha vida proporcionou-me esta perda de peso natural para o limite dos 57kg e por esse motivo é normal que agora compita nessa categoria de peso.

Até que chegaram os Jogos Surdolímpicos Samsun 2017 e a medalha de bronze. Como descreves o sabor deste terceiro lugar depois de já te teres sagrado campeã surdolímpica em 2009?

Nas Surdolímpiadas de Samsun eu tinha partido o braço há poucos meses e não me sentia 100% segura porque tinha ainda algumas limitações, mas ainda assim consegui a medalha de bronze. Confesso que o meu objetivo é sempre o ouro. O desporto é isto, é querer sempre mais, é querer sempre ganhar, é ir sempre atrás da medalha de ouro. Não posso pensar que por ter ganho uma medalha de ouro que posso ficar por aqui, não! Temos que trabalhar para continuar a ser bons. É claro que também fiquei muito contente com as outras, mas o objetivo é sempre ganhar o ouro.

“Nas competições de hoje há tantos atletas e é isso que me dá luta”

O ouro chegou também em campeonatos do mundo. Fala-nos destas conquistas.

Sagrei-me campeã do mundo pela primeira vez no mundial da Turquia, em 2016. É um título muito importante também, especialmente por ser o resultado do meu esforço. É a prova do meu foco que me faz sentir orgulhosa e até mesmo aliviada, porque está aqui o resultado do meu trabalho. E quero principalmente demonstrar à comunidade surda que não é pelo facto de se ser surdo que não se pode alcançar estas conquistas. O meu objetivo é este também, divulgar estas vitórias e transmitir esta mensagem.

Entretanto veio a pandemia e a paragem parcial do desporto e já em 2021 regressas à ação no campeonato do mundo de Versalhes com nova medalha de ouro. Qual foi a sensação de alcançar esta conquista especialmente neste contexto?

Tinha tantas saudades de competir. Com o Covid parámos todos, eu continuei o meu treino, vinha para aqui sozinha treinar a tentei sempre manter-me em forma. Tentei nunca desistir porque nem faz muito parte da minha personalidade. Gosto de me manter em forma, gosto de sentir confiança, gosto de me

sentir focada. Não podia parar, o meu corpo está habituado a esta rotina e não podia desperdiçar tantos anos de esforço. Este é o meu perfil profissional de atleta. Quando a competição regressou neste campeonato do mundo em França senti-me bastante nervosa, tinha perdido um pouco o hábito da competição e isso deixava-me desconfortável. Vimos que apareceram novas atletas que não conhecíamos, portanto vi que ia competir num contexto distinto a vários níveis. Tive que relaxar, procurar outra vez o meu foco, estabelecer como prioridade a minha ambição de ganhar. No tatami não somos amigos, somos adversários que estão a competir entre si e portanto é fundamental ter este foco.

Como decorreram os últimos combates?

Confesso que acabei por me adaptar e encontrei a minha calma no meio de toda a pressão daquela competição. Na semifinal venci uma atleta ucraniana e garanti assim a passagem à final. Afinal até estava a gostar daquela pressão, daquele ambiente, mas o que conseguiria ganhar a partir dali? Houve um intervalo de três horas para poder descansar e foi aí que senti o nervosismo a crescer, eu preferia ter continuado a competir logo a seguir! Fomos comer, fomos relaxar, mas eu confesso que não gosto desta parte porque cria mais ansiedade. Afinal estava a competir só com uma pessoa, era a última! Quando começámos a combater, eu ganhei o primeiro ponto mas continuei a tentar o ippon e consegui. Fizeram-me o sinal de que tinha ganho e foi uma festa, a medalha de ouro era minha. Quando fui para o pódio vi aquelas mãos todas a aplaudirem-me visualmente e senti-me a pessoa mais realizada do mundo. Foi uma história que me marcou muito. Conseguir ganhar o ouro depois da daqueles meses todos, daquela paragem infernal por causa do Covid, a vitória teve um sabor especial.

Disseste que neste campeonato do mundo apareceram novas atletas. Achas que a competitividade está maior? A qualidade aumentou?

Sim muito melhor, sem sombra de dúvida, muitas mais atletas com mais qualidade. E é bom que assim seja, gosto de ver mais atletas surdos a participarem nas competições, porque quando eu comecei éramos tão poucos e uns foram desistindo ao longo do caminho e agora somos muito mais. Nas competições de hoje há tantos atletas a selecionar para a competição e é isso que me dá luta, perceber que consigo superar-me e superá-las e chegar ao fim no pódio.

“O meu foco é: vou competir”

De que rotinas e hábitos concretos se faz uma campeã?

Tenho 32 anos e é natural que já não tenha a mesma energia que



as atletas mais jovens, portanto tudo o que se faz fora do tapete conta. Adotei outros hábitos, procuro dormir melhor, procuro relacionar-me com calma com os meus familiares e amigos, tento não sair para me divertir, tudo o que faço é tudo, tudo com muita calma. Os contatos com a minha família, com os meus amigos, é tudo com horários, tudo muito regrado. Não me posso esquecer que vou tendo outra idade, já não tenho os 19 anos que tinha em Taipé 2009. É muito importante este foco mental, sem sobre a dúvida, comer bem, fazer desporto, contactar com familiares e ter estes horários muito mais restritos.

Nestes meses que antecedem a grande competição dos Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021, quais são as tuas rotinas diárias?

Às segundas, quartas e sextas de manhã faço treino individual, treino de máquinas, treino físico. Às terças e quintas de manhã treino velocidade, corrida, trabalho a resistência mais à base de atividades ao ar livre, tudo isto até à hora de almoço. O almoço é sempre comida muito saudável, massa ou arroz porque sei que à tarde vou competir, portanto tenho que me alimentar bem. Depois vou buscar o meu filho, lanchamos os dois juntos, convivemos um pouquinho, brincamos e depois o meu filho vai dormir e eu aproveito esta pausa para poder descansar também, normalmente também durmo cerca de uma hora. Depois vou deixar o meu filho com os meus pais e venho treinar para aqui novamente todos os dias das 19h30 às 21h00. Aos fins-de-semana, vou a cada 15 dias ao estágio da Federação em Coimbra e nos restantes aproveito para estar com a família e poder então recuperar e relaxar de todas estas atividades. É tudo uma questão de balizar, equilibrar as nossas energias e a nossa mente.

Quais são os principais elementos a ter em conta na preparação agora que estamos em vésperas dos Jogos Surdolímpicos?

Para mim é fundamental manter este peso até às Surdolimpiadas e, portanto, sei que não posso relaxar nesta área. Tenho que ter muito cuidado com o que como, muito cuidado com o exercício, porque tenho que manter este peso. Estou muito focada em todos os aspetos que envolvam a preparação para estes Jogos Surdolímpicos. Sei que no Brasil vamos encontrar calor e humidade, outro tipo de condições, é um clima mais abafado e mesmo para competir torna-se mais difícil. O Júlio já me disse para ter bastante cuidado, porque vou ter que aprender e treinar aqui muitas técnicas de respiração, inclusive vou ter que começar a treinar com um casaco interior para me ir adaptando ao calor. A adaptação ao meio ambiente onde estamos a competir é fundamental.

Objetivos para essa grande prova?

Quero alcançar a vitória, claro. O objetivo é o ouro, chegar ao ouro. Não sei se vou conseguir ou não, mas estou bastante concentrada nesse objetivo. É por aí que eu quero ir. Se vou encontrar atletas novas, outros surdos, não sei. Mas vou continuar, independentemente disso vou continuar a seguir este meu caminho.

Esperas encontrar então um quadro competitivo ainda mais exigente?

É possível que encontre um quadro competitivo mais exigente. Tento não pensar se vou encontrar muitos surdos ou não, se são muito fortes ou não, tento não pensar muito nisso. O meu foco é: vou competir. Se vão estar muitos surdos à minha volta, mesmo na plateia, se vão por curiosidade, se vão porque gostam de desporto ou se vão para competir, não perco muito tempo a pensar nisso. Estou apenas focada naquilo que quero conquistar. Não sou de grandes conversas, não sou de muitos convívios, sou muito rigorosa quando vou competir. É chegar de avião, alimentar-me bem, dormir bem, recuperar bem, focar na competição em si mesma e ir para o tapete. Só depois das provas, se houver tempo, aí sim conhecer tudo aquilo que tem para conhecer na cidade mas, até lá, evitar o máximo de distrações possíveis.

“Orgulho por esta conquista ter sido dada a conhecer às pessoas”

Este título de campeã mundial em 2021 teve um grande impacto mediático. De que forma é que encaraste todo este mediatismo que não é muito comum no desporto para surdos?

Em termos de redes sociais e nos media foi incrível. Antigamente quando ganhava uma competição passava um pouco despercebida e agora não. Desta vez, de facto, o mediatismo foi muito maior. Penso que isto também passa muito por mostrar como é que uma pessoa surda, como é que uma pessoa com uma limitação como a minha, consegue tudo isto tal e qual como um ouvinte e isto é muito importante de ser demonstrado. Normalmente conhecem-se as vitórias de muitos desportistas, mas dos atletas com outras limitações não é tão normal ver nas televisões ou redes sociais, as pessoas muitas vezes não nos dão os parabéns porque nem sabem que estas vitórias aconteceram. Por todo este contexto senti-me muito orgulhosa com o impacto que este título de campeã do mundo teve. Não se trata de arrogância, apenas orgulho por esta conquista ter sido dada a conhecer às pessoas. Tem que se divulgar os resultados desportivos dos atletas com a minha condição. O facto de eu ser



surda nunca me impediu de chegar onde cheguei. Esta é a minha vida, é uma vida de trabalho, portanto, tal qual como os ouvintes sou atleta alto rendimento e consigo alcançar tudo aquilo que os outros também conseguem.

Recebeste muitas mensagens?

Tive 15.000 gostos na minha página, 15.000! Até limpei os olhos para confirmar que estava a ver bem. Na hora em que a vitória foi divulgada, toda a gente me deu os parabéns e é claro que me senti muito orgulhosa, sim, especialmente por perceber que as pessoas a ficaram felizes pela minha conquista. Aqui em Faro as pessoas conhecem-me, mas é importante este reconhecimento também fora de Faro, sem sombra de dúvidas.

Por seres uma das atletas mais tituladas no desporto surdolímpico português achas que tens também a responsabilidade de demonstrar que o desporto é possível também para os surdos?

É possível sim, é essa a questão. Os surdos pequeninos, por exemplo, as crianças surdas. É importante conhecerem-me e saberem quem eu sou. Conhecerem a minha história, uma história real, e não pensarem que é mito o facto de eu ter ganho tantas medalhas. É importante também perceberem que isto levou tempo, é um processo que levou tempo. Passei por várias competições até chegar às Surdolimpiadas. Eu, Joana judoca, sou medalhada, tenho várias vitórias, não sei se no futuro vou ganhar mais ou não, mas isto é importante que se saiba. Não sou muito de olhar para o passado. Sou muito orgulhosa do que tenho, mas sou muito de olhar para o futuro e para aquilo que ainda quero vir a ter. O nosso olhar tem que ser para o futuro e para aquilo que ainda podemos alcançar.

Alguma mensagem que possas deixar para os jovens surdos que nunca tenham praticado desporto?

Experimentem o judo! Se não gostarem não faz mal, pode acontecer, mas experimentem o desporto, todas as modalidades que possam! A atividade física é tão importante. A sociedade agora é tão diferente, estamos todos diferentes, temos telemóveis, temos computadores, temos tablets, mas a atividade física continua a desempenhar um papel fulcral nas nossas vidas. Nós temos que sair à rua para conviver. Se eu consegui através desta prática diária, um processo contínuo, uma conquista com muito esforço e muito trabalho, mas se eu consegui qualquer pessoa consegue. O importante é fazer desporto e lutar por objetivos.

Falando de futuro, o que é que será da Joana em termos desportivos depois dos Jogos Surdolímpicos de Caxias do Sul?

É difícil responder a 100%. Não sei o que vai acontecer, não sei se vou ganhar alguma medalha no Brasil ou não. Depois desta

competição a minha forma de ver as coisas pode-se alterar, não sei. Desta vez serão apenas três anos de diferença entre as Surdolimpiadas de Caxias do Sul e as seguintes e três anos parece que passam a correr, na verdade. Depois de Caxias do Sul vou precisar descansar, quero mesmo descansar. Após esse período provavelmente será altura de começar a preparar-me para as próximas competições, saber onde elas são e voltar a treinar o meu corpo. Acredito que posso continuar a competir até aos Jogos Surdolímpicos Tóquio 2025 porque, na verdade, não me sinto cansada, sinto que quero continuar a competir. Não posso dizer que é com toda a certeza, é difícil projetar um futuro tão longínquo.

“Há sempre espaço para mais uma medalha...”

Existe também uma Joana para além da Joana atleta, a Joana que foi mãe recentemente. Queria que nos falasses um bocadinho do teu filho, quantos anos ele tem e o que mudou na tua vida o seu nascimento?

A minha vida mudou bastante. Antes, enquanto solteira, eu tinha uma vida muito mais descansada. Quando casei tive que assumir logo uma série de responsabilidades, depois veio o meu filho. De repente sou mãe, mãe de uma criança ouvinte, e deparo-me com o desafio de trabalhar a comunicação com o meu filho. O Santiago vai fazer quatro anos e quero acompanhá-lo, ele faz parte do meu percurso de vida que acho que tem sido normal. Fui adolescente, fiz aquilo que fiz quando era muito mais jovem, depois casei, agora tenho um filho e tenho que pensar que um dia serei avó. Não quero pensar muito nisso por enquanto! [risos]

A Joana, para além de judoca, também tem uma formação profissional. Em que área? Vês-te a exercer no futuro?

A minha área de formação é design de comunicação. Não sei dizer como será quando terminar a carreira de judoca, se optar por trabalhar nesta área vou ter que reviver uma série de coisas, técnicas, conceitos, portanto não sei, não sei muito bem, ainda não tenho isso muito bem planeado neste momento.

São 22 anos de carreira com muitas vitórias. Ainda tens lá espaço em casa para mais medalhas?

Eu tenho lá em casa um placar muito grande com as minhas medalhas expostas e com as homenagens que me foram sendo atribuídas. Tenho tudo guardado. Um dia que me reforme, vou organizar tudo e fazer uma exposição, quem sabe? Mas há sempre espaço para mais uma medalha.



TALENTOS

PEDALAR ATÉ PARIS 2024

Bernardo Vieira

Bernardo Vieira tem 27 anos de idade e um objetivo bem traçado na sua mente: competir nos Jogos Paralímpicos Paris 2024. Já com duas medalhas de bronze internacionais no currículo, o rapaz que nem achava piada ao ciclismo de estrada está agora determinado em brilhar seja na bicicleta... ou na tricicleta.

O dia de Bernardo Vieira começa com o treino. É esta a primeira atividade do quotidiano do ciclista, ao que se segue o almoço, um curto período de descanso e depois... o trabalho. Bernardo tem um part-time numa loja de equipamento desportivo em Leiria — na secção de ciclismo, claro está — para onde se desloca diariamente desde Fátima, cidade que escolheu para viver há pouco tempo. Uma rotina preenchida, portanto.

Mas como começou esta paixão pelo ciclismo? De forma hereditária. “O meu pai era piloto de enduro e gostava de bicicletas, quando era pequeno levava-me muitas vezes com ele e foi assim que ganhei o gosto”, relata Bernardo. Depois das primeiras voltinhas de bicicleta ainda muito jovem, o rapaz

natural de Góis fidelizou-se ao BTT e ao downhill e por essas vertentes prosseguiu em exclusivo até 2016. Por essa altura conheceu Telmo Pinão, o ciclista paralímpico falou-lhe do ciclismo de estrada, Bernardo não se interessou de imediato mas acabou por se render à modalidade.

“Não achei grande piada à ideia, pensei que não me ia dar grande adrenalina em especial comparando com o BTT. Um ano mais tarde aceitei o desafio, fui a uma Taça do Mundo como individual e o Seleccionador Nacional [José Marques] disse-me que se eu me dedicasse iria conseguir bons resultados. Ele tinha razão e eu com os anos mudei de opinião: o ciclismo de estrada é desafiante, estar no pelotão, responder a ataques e depois contra-atacar, é estimulante”, garante Bernardo.

A dedicação e os resultados

A decisão estava tomada e em 2017 Bernardo arranhou treinador e começou a treinar com a disciplina que se exige no alto rendimento. Em 2019 foi convocado pela primeira vez para representar a Seleção Nacional no Campeonato do



Mundo realizado em Emmen, nos Países Baixos, e os bons resultados valeram-lhe a integração no Projeto de Esperanças e Talentos Paralímpicos.

“Deu-me um alento especial, é verdade. Uns meses após ter integrado o Projeto de Esperanças estive na reunião anual promovida pela Comité com os atletas que poderiam ir aos Jogos [Tóquio 2020]. Estar ali com tantos atletas paralímpicos de sucesso fez-me pensar que quem sabe um dia também poderia chegar a esse patamar”, afirma Bernardo.

O trabalho foi prosseguindo com cada vez maior empenho e o ano de 2021 foi de grandes conquistas para Bernardo Vieira. O apuramento para os Jogos Paralímpicos Tóquio 2020 acabou por não se confirmar, mas ainda antes disso o Campeonato da Europa realizado na Áustria deu-lhe grandes alegrias. “Foi um ano em que me dediquei bastante para estar ao mais alto nível, pedi inclusivamente dispensa do trabalho por três meses”, assegura. E valeu a pena: Bernardo voltou a Portugal com duas medalhas de bronze ao peito conquistadas nas vertentes de contrarrelógio e prova em linha da classe C1.

“Quando cruzei a meta caiu-me a ficha: ‘fogo, consegui este resultado!’. No pódio, já com a medalha ao peito, só pensava

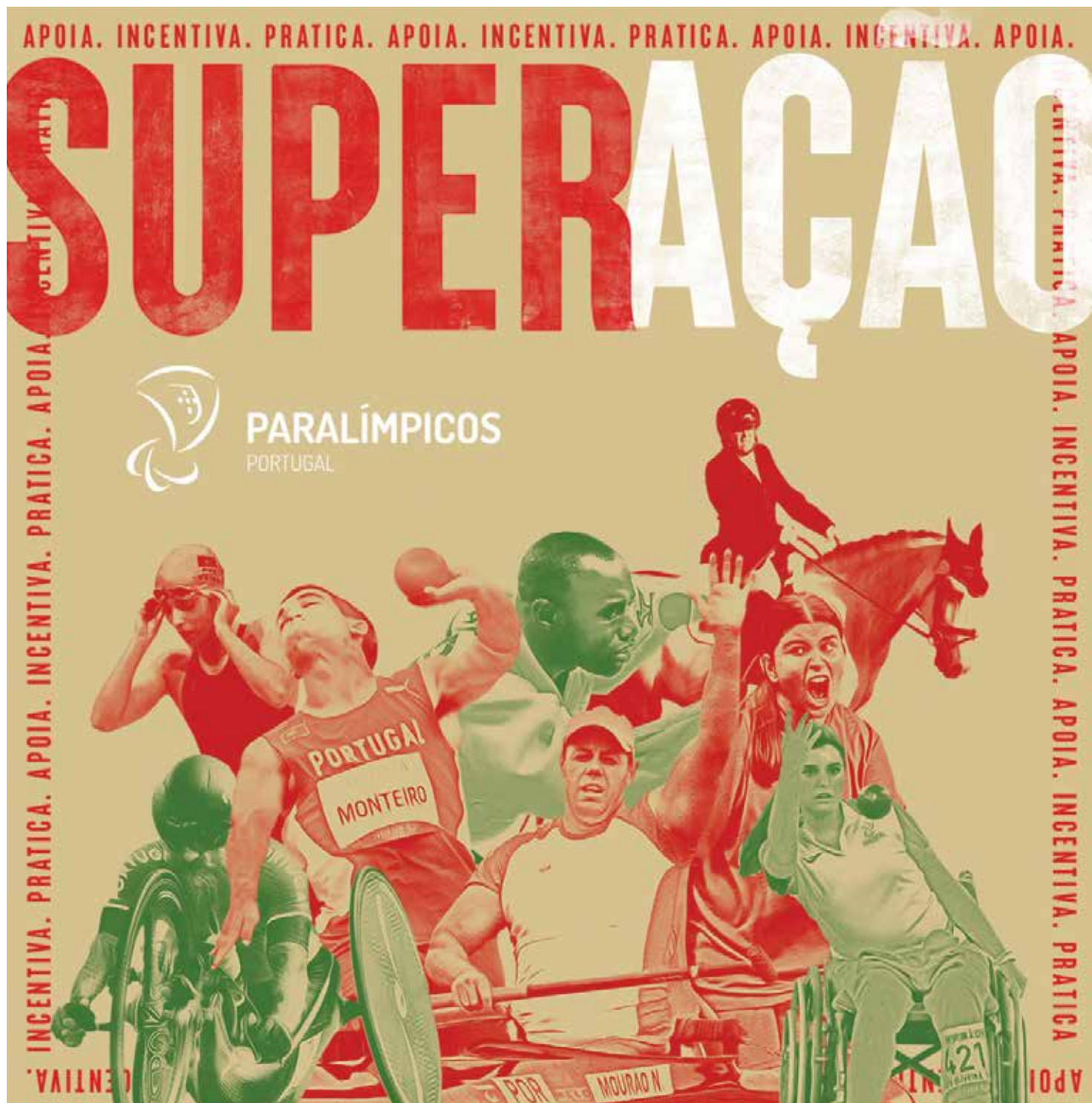
que se me continuar a esforçar um dia poderei estar no lugar ali ao lado, com o ouro num Europeu ou até num Mundial”, revela Bernardo Vieira.

O futuro é Paris 2024

No início do ano de 2022 Bernardo Vieira pondera mudanças no seu percurso desportivo. O ciclista irá tentar a transição da classe C1, onde habitualmente compete numa bicicleta convencional de duas rodas, para a classe T2, em que a competição é feita em tricicletas por atletas na sua maioria com paralisia cerebral, tal como o próprio Bernardo. O processo estará sempre dependente da classificação funcional desportiva internacional e só após a confirmação ou recusa desta alteração se poderão definir novos objetivos.

De uma forma ou de outra, Bernardo Vieira assegura que a sua maior ambição é competir nos Jogos Paralímpicos Paris 2024. Até esse momento chegar, o ciclista de 27 anos garante que importa “discutir lugares de pódio em europeus e mundiais e trabalhar para ser cada vez mais eficaz e inteligente nas corridas”.

A nova campanha do Comité Paralímpico de Portugal



SuperAção é o mote da nova campanha de sensibilização de promoção do desporto para pessoas com deficiência dos Paralímpicos Portugal que tem como objetivo primordial da captação de novos talentos. A campanha parte da desconstrução da palavra “superação” que remete para os atletas paralímpicos que são **Super** no desempenho da sua atividade competitiva e para o desporto que é vida – e **Ação** – em constante movimento.

A mensagem ganha forma através de oito atletas de cada uma das oito modalidades com representação portuguesa nos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020. Miguel Monteiro (atletismo), Beatriz Monteiro (badminton), Carla Oliveira (boccia), Norberto Mourão (canoagem), Luís Costa (ciclismo), Djibrilo Iafa (judo), Ana Mota Veiga (equestre) e Susana Veiga (natação) são os protagonistas, ilustrados sempre em tons de verde e vermelho, as cores nacionais que representam com orgulho em qualquer competição que participem.

Com uma imagem jovem e urbana, a campanha ganha ainda mais substância pela presença de três palavras-chave de incentivo à ação – afinal é este um dos principais propósitos da campanha. **Incentiva – Prática - Apoia** surgem em cada imagem para que se tornem visíveis e estimulem quem lê a atuar, a agir.

Criada pela agência FCB-Lisboa, a **SuperAção** centra-se num registo inspiracional que motiva e mobiliza as pessoas com deficiência a aderirem à prática desportiva e a sociedade a envolver-se com o movimento paralímpico. Constituiu-se em simultâneo como uma relevante peça de lançamento do novo ciclo paralímpico que se inicia em 2022, já com olhos postos nos Jogos Paralímpicos Paris 2024.



Sabe mais sobre a campanha SuperAção
<https://paralimpicos.pt/campanha-superacao>

INCENTIVA

Estar a par de todas as novidades do movimento paralímpico é uma forma de incentivar os nossos atletas. Acompanhar os canais digitais dos Paralímpicos Portugal, subscrever a Newsletter ou ler a Revista Paralímpicos permite conhecer toda a atualidade relativa ao desporto para pessoas com

deficiência e é uma forma de estar cada vez mais próximo dos atletas nacionais, incentivando a sua SuperAção diária e todas as suas conquistas.



Sabe mais sobre como incentivar os nossos atletas
<https://paralimpicos.pt/incentiva>

PRÁTICA

Onde é possível praticar desporto para pessoas com deficiência? O site www.paralimpicos.pt disponibiliza o portal Mapa de Inclusão Desportiva que contempla a oferta nacional de clubes e modalidades para pessoas com deficiência. A ferramenta permite uma rápida pesquisa por área geográfica, possibilitando a todos aqueles que pretendem iniciar-se na prática desportiva de verificarem à distância de alguns cliques que opções desportivas existem na sua área de residência.



Consulta aqui o Mapa de Inclusão Desportiva
<https://paralimpicos.pt/mapa-inclusao-desportiva>

APOIA

É possível apoiar os Paralímpicos através da consignação de 0,5% do IRS ao Comité Paralímpico de Portugal através do NIF 507805259 ou por donativo espontâneo, sem quaisquer custos adicionais associados, e contribuir ativamente para o desenvolvimento de promoção do desporto para pessoas com deficiência em Portugal.

Esta contribuição também pode ser efetuada por via de donativo espontâneo através de transferência bancária ou pagamento online por via de plataforma específica de doações com emissão de recibo que poderá ser utilizado para deduções nos impostos.



Descobre aqui como apoiar o movimento paralímpico
<https://paralimpicos.pt/apoia>

A super divulgação em território nacional

É natural que a campanha SuperAção só ganhe sentido com uma super divulgação a nível nacional. Com o valioso contributo da Initiative, parceiro pro-bono do Comité Paralímpico de Portugal, a campanha foi para a rua em janeiro de 2022 com divulgação física em mais de 30 municípios de todo o país. Os posters individuais dos oito atletas e a imagem de grupo estão visíveis para quem passa de carro, abastece numa área de serviço ou faz compras num centro comercial.

As redes sociais integram a estratégia de divulgação da campanha com o propósito de alcançar públicos mais jovens. Também os media tradicionais desempenham um papel ativo neste contexto através da presença dos atletas em programas de rádio e televisão para contarem as suas histórias e difundirem os propósitos desta SuperAção.



O lançamento de Paris 2024

A campanha SuperAção celebra o início do novo ciclo paralímpico que se inicia em 2022 e se prolonga até aos Jogos Paralímpicos Paris 2024. Estes serão uns Jogos especiais, começando pela cerimónia de abertura que será realizada em pleno rio Sena com a (ousada) promessa de acessibilidade total. De 28 de agosto a 8 de setembro estarão em competição 4400 atletas distribuídos por 22 modalidades e 549 eventos medalháveis.

O quadro competitivo dos Jogos Paralímpicos Paris 2024 traz também consigo algumas novidades. Serão 235 eventos medalháveis para o género feminino e 1.859 quotas destinadas em exclusivo atletas femininas, dois valores recorde na história dos Jogos Paralímpicos. O programa de competição prevê ainda um acréscimo de oportunidades competitivas para atletas com deficiências mais severas, essencialmente nas modalidades de boccia, canoagem e judo.



Os parceiros da SuperAção

A realização da campanha SuperAção só foi possível graças ao empenho de parceiros pro-bono que deram um contributo fundamental para que a esta divulgação em larga escala do desporto paralímpico fosse uma realidade. A todos eles o Comité Paralímpico de Portugal deixa o seu agradecimento.

Agências Parceiras



Parceiros de Meios



Parceiro Digital



Parceiros de Media





SUPERAÇÃO

INCENTIVA

PRÁTICA. APOIA. APOIA. PRÁTICA.

OLIMPIA OLÍMPICA *Luis Costa*

PARALÍMPICOS PORTUGAL



SUPERAÇÃO

PRÁTICA

APOIA. INCENTIVA. APOIA. INCENTIVA. PRÁTICA.

OLIMPIA OLÍMPICA *Roberto Marinho*

PARALÍMPICOS PORTUGAL



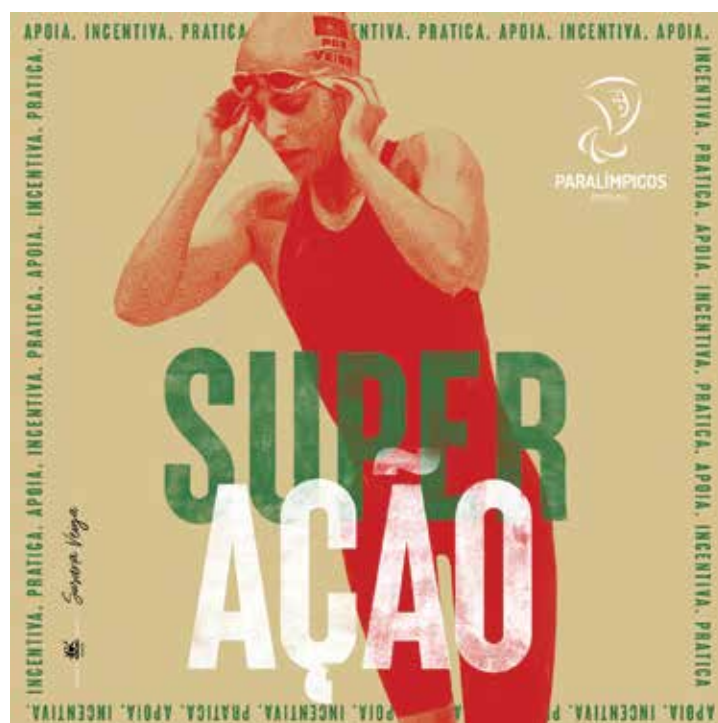
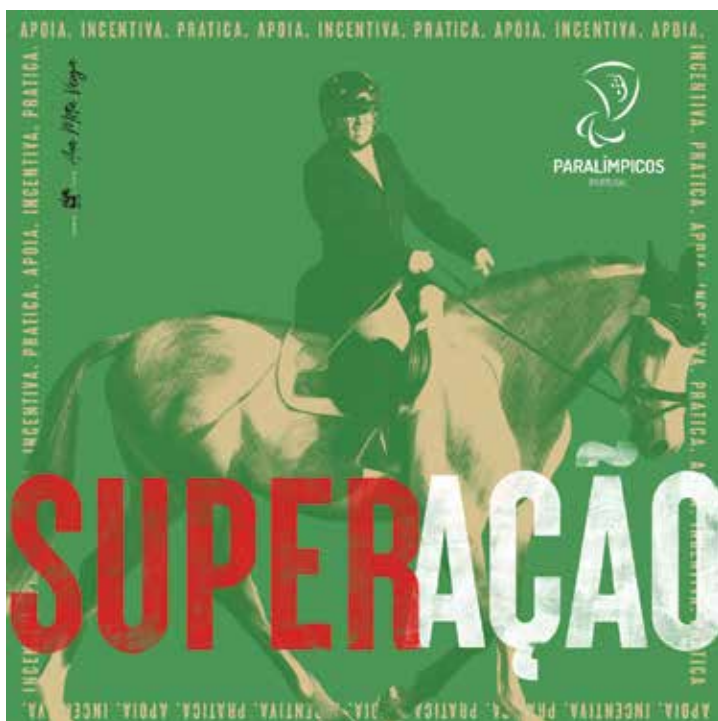
SUPERAÇÃO

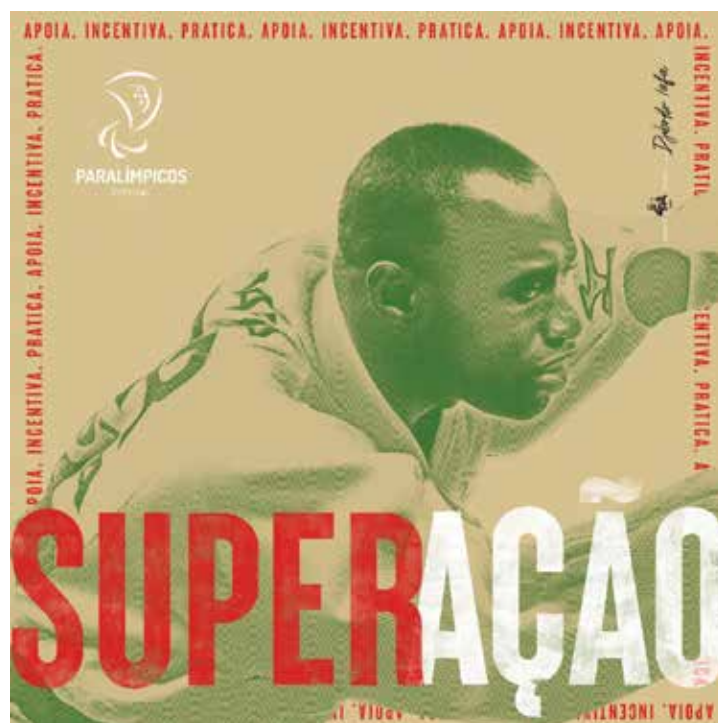
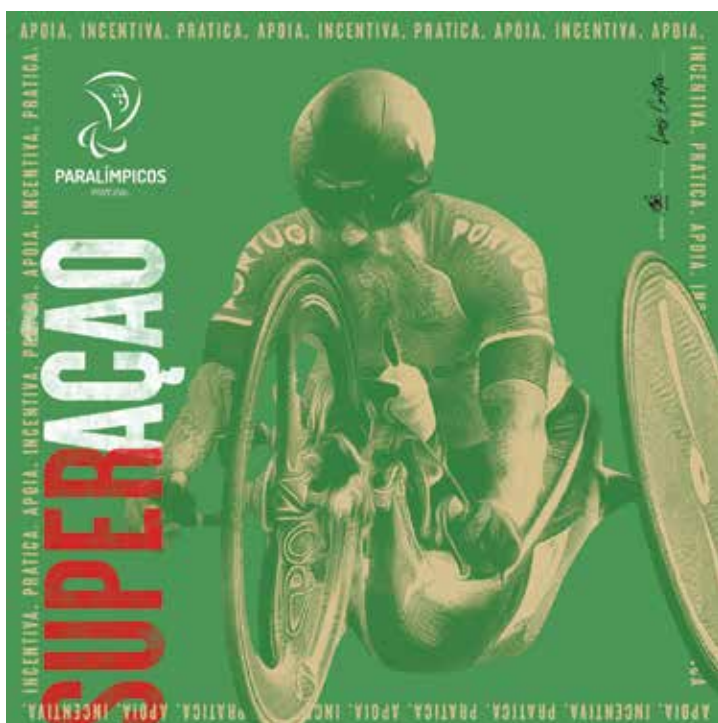
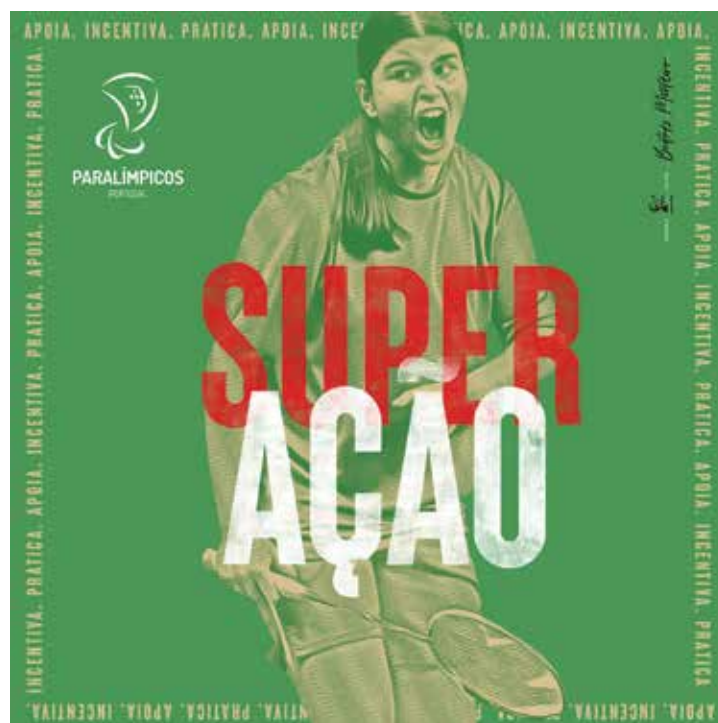
APOIA

APOIA. INCENTIVA. PRÁTICA. INCENTIVA. PRÁTICA. APOIA.

OLIMPIA OLÍMPICA *Susana Veiga*

PARALÍMPICOS PORTUGAL







DESPORTO À LUPA

PARALÍMPICOS E SURDOLÍMPICOS: AS DIFERENÇAS

Fotografia 1 A chama surdolímpica em Samsun 2017

Fotografia 2 A tocha paralímpica em Tóquio 2020



O desporto para pessoas com deficiência engloba duas dimensões fundamentais: o desporto paralímpico e o desporto surdolímpico. Muitos podem ainda pensar que os atletas com deficiência competem todos juntos nas mesmas competições, mas tal percepção está longe da realidade. A verdade é que o Comité Paralímpico de Portugal é a entidade máxima destas duas áreas desportivas em Portugal, a Paralímpica e a Surdolímpica, mas são várias as diferenças existentes entre elas. E também alguns pontos de convergência, claro.

O principal ponto de confluência entre o desporto paralímpico e o surdolímpico prende-se com o facto de ambos as dimensões terem como protagonistas atletas com deficiência. Mas então o que as diferencia? Os atletas! Poderá parecer confuso, mas na realidade é mais simples do que parece. O desporto para pessoas com deficiência envolve atletas com deficiências

motora, visual, intelectual e auditiva, e é aqui que se dá a diferenciação. Os praticantes com deficiência motora, visual e intelectual são enquadrados nas competições paralímpicas, enquanto os atletas com deficiência auditiva competem no ramo surdolímpico.

Outra grande distinção situa-se ao nível do quadro competitivo. As grandes competições internacionais como campeonatos europeus e mundiais são também independentes entre Paralímpicos e Surdolímpicos, realizadas em datas, locais e com organizações distintas e exclusivas para os atletas das respetivas áreas da deficiência. Exceção feita para o quadro paralímpico que em algumas modalidades, como é caso da canoagem, já tem promovido grandes competições integradas com atletas paralímpicos e olímpicos.

Também os Jogos Paralímpicos e os Jogos Surdolímpicos, como é sabido, são competições com comités organizadores próprios, promovidas em anos e locais diferentes. Os Jogos Paralímpicos, exclusivos para atletas com deficiência motora, visual ou intelectual, realizam-se a cada quatro anos sempre na mesma cidade e instalações que os Jogos Olímpicos. Já os Jogos Surdolímpicos celebram-se com a mesma periodicidade, de quatro em quatro anos, sempre no ano seguinte ao dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, apenas com atletas com deficiência auditiva. As modalidades que integram os Jogos Paralímpicos e os Jogos Surdolímpicos são também elas não coincidentes na sua totalidade, facto que constitui mais um fator diferenciador entre estas duas dimensões desportivas que compõem o desporto para pessoas com deficiência.

AGENDA

A EMOÇÃO ESTÁ DE REGRESSO!

O segundo trimestre de 2022 marca o regresso das grandes competições internacionais no principiar do novo ciclo paralímpico de Paris 2024. Atletas das modalidades de badminton, boccia, ciclismo, tiro e natação regressam aos grandes palcos, com destaque para o Campeonato do Mundo de Natação a decorrer em território nacional. E sem esquecer, naturalmente, os Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul.

**MARÇO****1 - 6**

Torneio Internacional
de Badminton
Cartagena, Espanha

11 - 13

World Series de Natação
Lignano 2022
Lignano Sabbiadoro, Itália

13 - 20

Campeonato da Europa
de Tiro 2022
Dublin, Irlanda

16

Reunião dos Atletas
do Programa de Preparação
Surdolímpica Caxias do Sul
2021
Lisboa, Portugal

ABRIL**25 - 30**

Taça do Mundo de Boccia
Montreal, Canadá

29 - 30

Grand Prix Internacional
de Tiro
Hanover, Alemanha

MAIO**5 - 8**

Taça do Mundo de Ciclismo
A definir

12 - 15

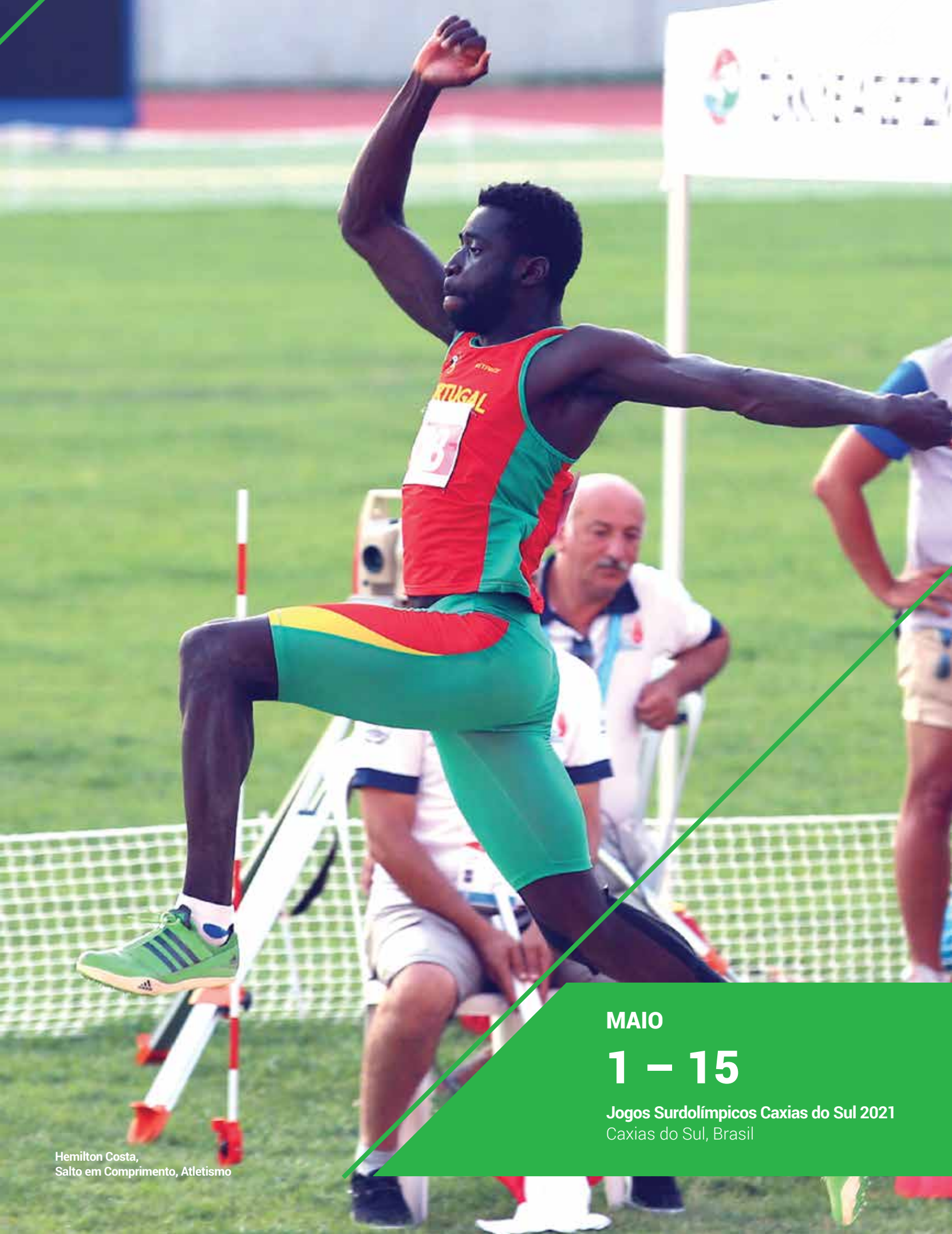
Taça do Mundo de Ciclismo
A definir

25 - 29

Campeonato da Europa
de Ciclismo
Alta Áustria, Áustria

JUNHO**12 - 18**

Campeonato do Mundo
de Natação
Madeira, Portugal



Hemilton Costa,
Salto em Comprimento, Atletismo

MAIO

1 – 15

Jogos Surdolímpicos Caxias do Sul 2021
Caxias do Sul, Brasil

A FECHAR

Os desafios do futuro



Luís Costa
Presidente da Comissão de Atletas
Paralímpicos

Apesar de ainda estamos a lutar com os efeitos de uma pandemia, os grandes eventos desportivos têm-se vindo a realizar, com maior ou menor atraso em relação às datas inicialmente previstas. Depois do choque inicial em 2020, com elevado número de mortes provocadas pelo vírus Covid-19 a nível mundial, quando pouco ou nada se sabia sobre o mesmo e a procura de uma vacina eficaz era ainda apenas uma esperança, vieram os tempos em que os rápidos avanços da ciência e sobretudo a grande vontade da humanidade em retomar a vida com a “normalidade” possível, permitiu avançar com a organização desses eventos. A título de exemplo, os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 acabaram por realizar-se em 2021 e os Jogos Surdolímpicos de Caxias do Sul (Brasil) 2021 foram adiados para o próximo mês de maio de 2022. O mesmo sucedeu um pouco por todo o mundo com outros eventos desportivos.

A pandemia trouxe sem dúvida os maiores desafios de sempre a todo o desporto a nível mundial. Em algumas situações, as dificuldades já existentes transformaram-se em barreiras quase intransponíveis. Perderam-se atletas, não tanto pelos efeitos diretos do vírus, felizmente, mas sobretudo pelos efeitos causados nas economias de cada país, levando à quebra dos apoios às federações, aos clubes e ao desporto escolar, ou seja, cortou-se o apoio aos atletas já existentes e prejudicou-se a base de formação de novos atletas.

E é a partir daqui que nos aparecem novos desafios: Como cativar novos atletas? Como manter os já existentes? Como garantir o nível de excelência dos praticantes de alto rendimento? Estas e várias outras questões são agora os desafios do futuro!

Já anteriormente tive oportunidade de salientar a importância

do trabalho levado a cabo pelo Comité Paralímpico de Portugal, o IPDJ e o INR junto da Secretaria de Estado do Desporto e Juventude, que veio a culminar na equivalência das bolsas de preparação e prémios monetários dos atletas paralímpicos aos olímpicos. Foi no meu entender a maior vitória de sempre para o desporto paralímpico nacional. E mais do que uma questão de justiça desportiva, foi também uma questão de justiça social. Mas agora estamos na iminência de quase não termos atletas que possam usufruir dos efeitos dessa vitória. E porquê? Porque faltam os apoios monetários.

O Orçamento de Estado que estava previsto para 2022 e que acabou por ser chumbado e provocar eleições legislativas antecipadas, previa apenas 43 milhões de euros para o desporto nacional, ainda menos do que em 2019, antes da pandemia. Então e agora que estamos numa situação mais delicada para o desporto, os apoios propostos seriam ainda menores?

Estas situações podem ser frustrantes, não só para os atletas que dia-a-dia dão o seu melhor, mas também para as entidades ligadas ao desporto que dependem dessa pequena fatia do Orçamento de Estado para garantir condições para o normal funcionamento e desenvolvimento das diversas modalidades. Creio assim que é de louvar o sentido de responsabilidade e dinâmica do Comité Paralímpico de Portugal pela criação da campanha “SuperAção”, que teve um impacto a nível nacional como nunca antes sucedera, com divulgação por todos os meios de comunicação social. O objetivo principal da campanha, mobilizar as pessoas a agir, com os motes “incentiva”, “pratica” e “apoia”, veio chamar uma vez mais a atenção dos portugueses para a necessidade urgente de apoiar os nossos atletas diariamente e não apenas a cada quatro anos, quando se realizam Jogos Paralímpicos ou Surdolímpicos, em que somos aplaudidos de pé e esquecidos passados 15 dias. O futuro coloca-nos grandes desafios. E podemos vencê-los. Mas sem luta não há lugar à vitória.

ATLETISMO e MATEMÁTICA

O QUE TÊM EM COMUM?



IMPULSO

BOLSAS
DE EDUCAÇÃO
 JOGOS
SANTACASA

Os Jogos Santa Casa lançam, pelo nono ano consecutivo e em parceria com o Comité Olímpico de Portugal e o Comité Paralímpico de Portugal, o programa de Bolsas de Educação 21/22. O programa assume agora o nome – IMPULSO | Bolsas de Educação Jogos Santa Casa – promovendo o verdadeiro objetivo para o qual foi criado: impulsionar os atletas integrados no programa de preparação olímpica, paralímpica ou surdolímpica na sua educação e carreira desportiva, dando a conhecer à sociedade o enorme esforço realizado pelos campeões portugueses e o já longo trabalho que tem sido desenvolvido que se traduz em grandes números:

325

Bolsas atribuídas

+920k

Euros distribuídos

181

Atletas apoiados

22

Modalidades abrangidas

JUNTAMOS A EDUCAÇÃO À AMBICÃO DESPORTIVA

SAIBA MAIS AQUI



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL

 JOGOS
SANTACASA



COMITÉ
PARALÍMPICO
PORTUGAL

RUMO A CAXIAS DO SUL 2021



COMITÉ
PARALÍMPICO
PORTUGAL

Patrocinadores Principais



Patrocinador



Parceiros



Parceiros Institucionais



Parceiros Pro Bono



Media

